



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Formação de Professores no ensino de Ciências e Matemática

Sinop, v. 8, n. 1 (21. ed.), p. 224-239, jan./jul. 2017

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Rosicléia dos Reis Garcia

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

RESUMO

Este estudo abordou a Sexualidade na Educação Infantil tendo como objetivo analisar as concepções de professoras e da coordenadora sobre sexualidade infantil. A escolha metodológica centrou-se na pesquisa qualitativa, por meio da entrevista semiestruturada. Os sujeitos entrevistados foram 3 Professoras e a Coordenadora Pedagógica de uma Escola Municipal de Educação Infantil de Sinop, com observação em sala de aula, na turma de crianças de 1 e 3 anos e 11 meses de idade. Percebeu-se que falta uma compreensão maior sobre a sexualidade infantil nesse espaço, que de certa forma implica nas práticas das professoras.

Palavras-chave: Criança. Sexualidade Infantil. Professor.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, abordou sobre a sexualidade infantil, analisando as ações que a Instituição promove para que essa sexualidade se desenvolva de maneira saudável, compreendendo que a sexualidade está presente em nossas vidas antes mesmo de nascermos, no entanto ao abordar esse tema, nota-se que os professores não estão preparados para lidar com a sexualidade infantil. Falar sobre sexo simboliza abordar conceitos referente a ele, tais como: construção de papéis sexuais; corporeidade, sentimento/desejo; amor/prazer; gênero; poder; repressão;

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL** sob a orientação da professora Ma.Maria Angélica Dornelles Dias, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2016/2.

preconceito; etc. Enfim, questões sociais, culturais, religiosas, que permeiam nossa sociedade.

Questões estas que se fazem presentes no ambiente escolar. Educação sexual é um processo dinâmico que se perfaz pela vida inteira. Sendo assim a orientação sexual nas escolas, possibilita o conhecimento a reflexões sobre questões polêmicas, tais como: gravidez; aborto; homossexualidade; disfunções sexuais, prostituição e pornografia, através de uma perspectiva democrática e pluralista, podendo contribuir para o bem-estar das crianças e/ou aluno na vivência de sua sexualidade atual e futura. E durante as observações para realização da mesma, percebeu-se a insegurança das professoras entrevistadas ao questionar sobre a concepção de sexualidade infantil, demonstrando que se faz necessário adotar algumas práticas que compreendem a criança no seu aspecto integral, rever alguns conceitos que até então ditos como padrão de sociedade, e entender sua postura de professor, e do grande potencial de disseminação que o mesmo tem.

A escolha do tema foi pelo fato de ter atuado na Educação Infantil como bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), e Centro Integrado de Estudantes e Estagiários (CIEE), e vivenciar no dia a dia como a criança lida com algumas atividades que são impostas a elas, como se dá esse aprendizado, e o quanto ainda há uma resistência em relação a construção de sua imagem corporal, não levando em consideração a criança e sim o professor. A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Sinop, com três professoras e a Coordenadora Pedagógica, e juntamente com as crianças. A exposição do trabalho está distribuída em capítulos que faz uma retomada histórica para melhor compreensão do tema disposto.

2 A CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE INFANTIL

A construção sexualidade é um processo que permeia durante toda a vida, seria um conjunto de tudo que sentimos e vemos, e durante esse processo é adquirido diversos conhecimento sobre a sexualidade para se chegar ao conceito que cada pessoa constrói. Como ressalta Foucault (1988, p. 9):

O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos: o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos (que cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e normas, em parte tradicionais e em partes novas, e que se apoiam em instituições religiosas, jurídicas, pedagógicas e médicas, como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos.

Para melhor entendermos a sexualidade não apenas o seu conceito e sim como é legitimada no espaço escolar, e familiar atentos aos discursos que promovam desigualdades nestes contextos. Do ponto de vista de Figueiró, sobre a sexualidade:

É uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua dimensão biológica, nem à noção de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também, não pode ser percebida como “parte” do corpo. Ela é, pelo contrário, uma energia vital de subjetividade e da cultura, que deve ser compreendida pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais. (2001, p. 39).

Desta forma, a sexualidade está presente no cotidiano, de várias formas, não sendo estática é um processo que em movimentação, “a sexualidade tem a ver com o modo como as pessoas vivem seus desejos e prazeres, tem a ver, portanto, com a cultura e a sociedade, mais do que com a biologia” (LOURO, 1998, p.88).

[...] usamos os termos “sexual” e “sexualidade”. Em primeiro lugar nós os usamos para referir-nos à consciência que cada um tem de ser homem ou mulher. A criança tem essa consciência? Naturalmente, não. Mesmo assim, qualquer criança normal a terá por volta dos dois anos de idade e, com certeza, não depois dos três, quando ele se associará a meninos e homens e ela a meninas e mulheres. Como isso se dá? Desde o início, de modo totalmente inconsciente, os pais e todos os demais tratam o bebê de modo totalmente diferente, conforme for menina ou menino. Além disso, homens são atraídos por homens e mulheres por mulheres- semelhante com semelhante_ através de um processo de identificação psicológica elementar que inclui fatores químicos, tais como o cheiro. Essa identificação ativa realizada pela criança com outros de seu próprio sexo, juntamente com o ensino direto e indireto de outros fornece as indicações pelas quais a criança aprende sua identidade sexual. (CALDERONE; RAMEY, 1983, p.18).

A criança desde seu nascimento passa por sensações únicas, momentos prazerosos, mesmo antes de nascer, e a muita curiosidade da família em saber como será essa criança, como afirma Bonfim (2012, p. 72) “[...] nesse momento os pais já começam a idealização da constituição do ser como sujeitos: será menino ou menina? Terá a personalidade do pai ou da mãe? [...]”. Mesmo no útero de sua mãe, o bebê é um ser receptivo e passivo, e também com muita capacidade de movimento, mas devido ao pouco espaço não se move tanto, e passa por experiências tão dinâmicas, e o papel da família é fundamental no processo de formação da personalidade mesmo antes do nascer. Como nos afirma Silva (2007, p. 18):

A sexualidade segue sendo construída nas primeiras experiências afetivas do bebê com a mãe e com o pai ou com quem cuida dele. Agregam-se as relações com a família, amigos e as influências do meio cultural. Quando nascemos, nossa percepção é toda sensorial e nosso corpo também. É pelo corpo que sentimos o mundo. Os primeiros contatos com a mãe com o bebê no banho, na amamentação e todos os outros carinhos, as trocas de olhar e o ninar fazem com que ele sinta prazer e se sinta vivo. Tudo isso vai compondo as primeiras sensações sensuais e será a base para o desenvolvimento da resposta erótica, da capacidade de construir os vínculos amorosos e do desejo de aprender.

E ao nascer terá que se adaptar a esse mundo desconhecido, saindo do seu local de conforto, se deparando com luzes, e também com o sentir fome, que até então não sentia, ou seja, ao nascer recebe muitos estímulos, e terá que se adaptar as novas condições, na qual a mãe estabelece horários para dar de mamar, mesmo assim não percebe como um ser distinto do resto do mundo, “[...] nos primeiros meses de vida nem sequer chegam a resumir-se no relacionamento bebê-mãe. Para ele é como se o mundo inteiro fosse ele mesmo, inclusive a mãe.” (ENCICLOPÉDIA, S.a, p. 128)

Ao nascer, o bebê perde a tranquilidade do útero materno – lugar protegido onde nada falta- e chega em um mundo estranho e frustrador no qual ele vai ter que se adaptar. A capacidade de *rêverie* da mãe é que permitirá que o bebê possa lidar com suas fantasias, desconfortos e medos muitas vezes aterrorizadores, pois ele nasce com poucos recursos para lidar com essa situação de total desamparo. (SILVA, 2007, p.53).

Nesta fase de desenvolvimento o bebê usa a boca como forma de exploração do ambiente, por mais que receba outros estímulos, e pela boca que reagirá mais positivamente.

A primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a oral, ou se preferirmos, canibalesca. Nela, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciaram correntes opostas no seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual consiste na incorporação do objeto – modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma da identificação, um papel psíquico tão importante. (FREUD, 1905, p. 186).

Nesta fase Freud definiu como a fase oral, na qual a zona erógena para o bebê é a boca, no ato de mamar e sucção. Essa manifestação da sexualidade permite ao bebê momentos de prazeres, ao mamar e após como chupar o dedo, ou chupeta, e quando sentir fome procurara o que lhe dá satisfação, no caso o seio da mãe, quando estiver saciado seu organismo fica em estado de equilíbrio.

Durante essa fase a criança começa a experimentar alguns conflitos, quando surge os primeiros dentes, pois, a sensação dos dentes que força a gengiva, impulsiona o ato de morder o que para ele é desagradável, são impulsos que o bebê não controla e passa por um processo de rejeição do seio materno.

[...] o desmame é para o bebê uma ameaça à existência, um estímulo capaz de acionar o sistema de alarma que, por ser inerente ao instinto de conservação, está integrado no conjunto de reações incondicionadas; isto é, no conjunto de instintos, no padrão de reações inato. (ENCICLOPÉDIA, S.a, p.129).

Quanto mais positivo for esse processo do desmame, mais rápida seria o processo de reestabelecer a confiança do bebê, que a partir dos quatro meses outros sentidos já estarão bem mais desenvolvidos, “[...] a pessoa da mãe aparece com tanta regularidade nas ocasiões de fome que ela acaba sendo identificada como uma etapa do processo, que fica sendo fome-mãe-prazer-saciedade e conforto” (ENCICLOPÉDIA, S.a p.130). E aos poucos a necessidade de se alimentar separa-se do prazer sexual, quando a mãe introduz uma alimentação mais consistente, a partir disto a criança buscará em seu próprio corpo uma fonte de prazer.

Por volta dos 7 meses de idade o bebê começa a demonstrar que reconhece a mãe e que dá a ela certa preferência em relação a outras pessoas. Implicitamente, isso envolve o reconhecimento (apesar da óbvia impropriedade da palavra) de que ele, o bebê, não é a mãe, já se tornou um indivíduo distinto dela e que já subsiste, portanto, aquela dependência intrauterina que, de tão profunda, chegava a ser a uma união plena, uma identificação. (ENCICLOPÉDIA, s.a., p.132).

Após esses conflitos no primeiro ano de vida do bebê, o mesmo vai adquirindo mais confiança no mundo que o cerca. E a partir de 1 ano meio e 2 anos de idade, inicia-se a fase anal, como Freud (1905) denominou, na qual o prazer que antes era centralizado na boca, no ato de mamar e chuchar, passa para o ânus. “A principal crise que sobrevém agora decorre justamente dessa capacidade de controle voluntário de certos músculos: a criança deve aprender a conter a eliminação de fezes e urina” (Enciclopédia, p.132). Durante essa fase os pais passam a exigir mais da criança, em relação a higiene, o que pode interferir em sua personalidade na fase adulta.

[...] como o ato da defecação que ocupa um lugar importantíssimo no desenvolvimento psicosssexual da criança; porém não se remete apenas ao controle motor em geral, sensação de domínio, prazer na expulsão ou na retenção. (KUSNETZOFF, 1982, p. 39 apud COSTA, 2007, p. 49).

É necessário um cuidado em relação a essa fase, para não obrigar a criança a fazer o cocô no “troninho”, “[...] Logo elas percebem o efeito que suas eliminações provocam nos adultos, os quais tendem a reagir conforme hábitos e concepções muito arraigados acerca do que é limpo, sujo, “feio” ou “bonito” (RCNEI, 1998, p.18). A criança pode usar dessa fase para manipular os pais, ou até mesmo os professores, quando estão inseridos em uma Instituição.

O treinamento excretório é talvez o primeiro conflito grave entre as tendências de liberdade do poder autoritário dos pais. Nessa época, as pressões sofridas podem levar a criança a tornar-se particularmente agressiva ou dependente, conforme suas características inatas e sua pequena história de vida. (ENCICLOPÉDIA, S.a, 136).

A criança já começa ter uma percepção de si mesma, seu intelecto está mais desenvolvido, “isto é, as experiências de vida não são meras sensações, estimulações dos sentidos, mas adquirem significação, por trás das sensações sobrevêm percepções e até mesmo conceitos e símbolos rudimentares”

(ENCICLOPÉDIA, S.a, p.133). As manifestações da linguagem são presentes nessa fase, “a criança aprende a formular conceitos e certas ideias abstratas, relacionadas só indiretamente com a realidade, podem agora enriquecer seu mundo psíquico e alargar suas possibilidades” (idem).

E descobrem também os seus órgãos genitais iniciando as explorações dos mesmos, que até então estava coberto por fraldas agora ganha mais visibilidade e surgem as curiosidades, tanto a menina quanto o menino, “[...] cresce também o interesse pelos órgãos das outras crianças que também podem se tornar objeto de manipulação e de exploração, em interações sociais dos mais diversos tipos: na hora do banho, em brincadeiras de médico e etc.” (RCNEI, 1998, p.18)

Mas a fase traz certas conquistas positivas. A criança aprende, por exemplo, que as manifestações de amor dirigidas a ela não apenas provêm espontaneamente do ambiente, e sim que podem ser determinadas pelo comportamento dela. Aprende também que a mãe não é a única fonte de afeto, mas que outras pessoas podem complementar esse suprimento. Isso contribui positivamente para a tarefa de conquista e cultivo da autonomia e do amor-próprio. (ENCICLOPÉDIA, s.a, p.133).

Em busca desta autonomia, surgem as curiosidades sexuais Freud (1905), caracterizou essa fase como a fase fálica, na qual a zona erógena passa a ser o próprio órgão genital, e adquirem a consciência das diferenças sexuais, o menino desperta um interesse pelo seu próprio órgão, na qual o manipula para obtenção de prazer, e já a menina passa por uma frustração, na qual percebe que ela não tem um pênis. “É nesta fase que a criança viverá mais intensamente a frustração de perceber que a mamãe, no caso do menino, pertence ao pai e que o pai pertence a mãe, no caso da menina. A isto Freud chamou de vivências e conflitos do complexo de Édipo” (SILVA, 2007, p.56). Entende-se por Complexo de Édipo:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. Segundo Freud, o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo desempenha papel

fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 77).

Nesta fase a criança busca uma obtenção de prazer pelo sexo oposto, no caso do menino a mãe e da menina o pai, é uma fase bem conflitante para criança, pois ao mesmo tempo que quer o pai próximo, quer distância por vê-lo como rival, da mesma forma a menina que ao ver a mãe quer ser igual a ela, para que o pai olhe para ela, é necessário que os pais e professores auxiliem a criança nesse processo, para que vivencie de maneira mais saudável possível essa identificação com o progenitor do mesmo sexo e a conquista do progenitor do sexo oposto, assim minimizando e evitando traumas, que pode prejudicar nas relações futuras.

Um ambiente acolhedor propicia à criança lidar com suas fantasias, frustrações, rejeição, depressão, agressões e agressividades, sem sentimento ambivalente de amor-ódio. Em relação ao desejo, a criança vai redimensionando suas ações e sentimentos, integrando na formação de sua personalidade aspectos adquiridos na relação com o outro. (COSTA, 2007, p. 45).

Diante disto cabe a família e os professores compreenderem a importância da sexualidade na vida da criança, que implica na sua construção da personalidade de sua identidade sexual, é necessário discutir a sexualidade nos espaços de educação infantil.

Mães e professoras, provavelmente, tiveram esse tipo de educação sexual e a repetem às crianças das quais têm a incumbência de cuidar, tratar e, querendo ou não, educar sexualmente, com um misto de cuidados, bloqueios e repressão [...] representa um modo de minimizar a dificuldade dos adultos em reconhecer a sexualidade das crianças. Ocorre, assim, uma aparente educação sexual tranquila e não agressiva, mostrando às crianças que não *necessitam* e não *podem* pensar nisso! (BRAGA, 2008, p. 111).

A escola pode e deve trabalhar tornando-a um ambiente agradável para o não-sexismo, desta forma os profissionais da mesma precisam ter essa consciência do potencial da escola, repensando suas práticas.

A educação sexual deve começar na infância e, portanto, fazer parte do currículo escolar – as temáticas discutidas na educação sexual são conhecimentos imprescindíveis à formação integral da criança e do/a jovem. O sexo, o gênero, a sexualidade, a raça, a etnia, a classe social, a origem, a nacionalidade, a religião, por exemplo, são identidades culturais que

constituem os sujeitos e determinam sua interação social desde os primeiros momentos de sua existência. A sexualidade se manifesta na infância, na adolescência, na vida adulta e na terceira idade. Esperar para abordar a sexualidade, apenas na adolescência, reflete uma visão pedagógica limitada, baseada na crença de que a “iniciação sexual” só é possível a partir da capacidade reprodutiva (puberdade). Com isso, a Escola está sempre atrasada: em relação às expectativas e as vivências das crianças e jovens, em relação a sua capacidade de mudar comportamentos com a informação que oferece. (FURLANI, 2009, p. 45).

Faz-se necessário refletir e analisar sobre essas questões, procurando desconstruir significados e não reproduzi-los em sua prática, é um processo que demanda tempo, reflexões e análises, partindo de pesquisas do contexto social, econômico, político, e educacional, podendo assim re-significar histórias.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DA PESQUISA

Quando uma criança brinca, joga e finge; está criando um outro mundo. Mais rico e mais belo e muito mais repleto de possibilidades e invenções do que o mundo onde de fato vive. (Marilena Chauí).

Para obter o resultado da pesquisa, partindo da coleta de dados buscando relatar as questões propostas que reforçaram a pesquisa. A partir das questões propostas ao decorrer do texto, reflete as experiências vivenciadas em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Sinop-MT. Através das observações e respostas coletadas, foi possível realizar as seguintes reflexões:

Perguntou-se as professoras se elas acreditavam que a formação inicial de Pedagogia era suficiente para compreender e atender as especificidades das crianças. E qual o motivo de terem escolhido serem Professoras. Questionou-se as professoras se achavam que em algum momento de suas vidas enquanto crianças sofreram alguma repressão em relação a sua sexualidade.

(01) Professora 1: Teoricamente sim. A Pedagogia te oferece subsidio teórico de formação de como podemos agir e entender o universo infantil. O que te faz entender as especificidades é a sua prática e envolvimento direto com as crianças. O que me levou a escolha da docência foi que tive uma professora que me ensinou muito e ela foi minha referência. Minha admiração por ela foi tanta que, eu falei

comigo mesma: quando eu crescer vou ser professora. Quanto a repressão da sexualidade, não que eu me lembre.

(02) Professora 2: respondeu que não ao fato da graduação ser suficiente para atender as especificidades das crianças, pois segundo ela a formação inicial é apenas a base de um grande processo. Para compreender e atender suas especificidades é necessário estar se atualizando com muito estudo e pesquisa sobre o tema. O mundo está em pleno desenvolvimento e junto com ele nossas crianças e um professor bem capacitado é fundamental para esse desenvolvimento. Diz ter escolhido essa área de atuação profissional quando fez minha inscrição para o vestibular da UNEMAT eu não sabia ao certo o que um pedagogo fazia, mas decidi escolher a mesma opção que minhas amigas, foi durante o curso que pude perceber que fiz a escolha certa. Hoje mesmo diante de tantas dificuldades enfrentadas nessa profissão percebo que posso fazer a diferença na vida de alguma criança. Não sofri nenhuma repressão sexual na minha infância.

(03) Professora 03: Não, é a base. Mas com prática o dia a dia, ações, aperfeiçoamentos que ajuda nesse entendimento. E quando perguntado sobre a escolha da profissão, disse que desde pequena dizia que: quando crescer vou ser professora e também influência de suas irmãs (3) que também são professoras. E sobre ter sofrido alguma repressão sexual respondeu que não.

(04) Coordenadora: A formação inicial possibilita que os professores se apropriem de determinados conhecimentos que devem estimular novas competências. As constantes mudanças epistemológicas, quanto nas propostas pedagógicas trazem enormes desafios a formação docente e a contínua necessidade da busca pelo conhecimento, portanto para compreender e atender as especificidades das crianças é necessário que o docente esteja em constante processo de formação buscando se qualificar. E sobre a escolha da profissão disse que desde criança sempre tive uma admiração enorme pelos meus professores, me recordo da professora Rosa do pré, a calma e paciência com que ela nos tratava fez crescer e aflorar um amor muito grande pela profissão. Em casa sempre reunia as crianças da vizinhança e brincávamos de escolinha é uma das atividades mais bonitas, mais apaixonantes,

mais gratificantes que existem. E sobre ter sofrido repressão sexual disse: Apesar de meus pais na época não ter estudo e nem o conhecimento que se tem hoje em dia com relação a sexualidade infantil acredito que não sofri nem uma repressão, me recordo que quando um irmão ou alguma criança se tocava no sentido de masturbação os adultos diziam pare com isso, não havia diálogo, simplesmente entendia-se que era algo errado.

Em virtudes das respostas percebeu-se que acreditam que a formação em Pedagogia é apenas uma base, na qual abre um leque de escolhas e possibilidades para que os docentes continuem em constante formação, buscando sempre estarem atualizadas para melhor compreensão para com as crianças, e também que a prática auxilia nesse processo. Algo em comum entre as respostas seria a admiração pelo curso mesmo conhecendo a realidade das escolas, optaram em ser professoras e também por influência familiar, e escolar. As respostas das entrevistadas em relação a escolha da profissão, percebe-se que houve reflexo de alguém de certo modo que as tenha feito optar pela pedagogia, e demonstra também a profissão por vocação, que reflete na maneira que elas foram instruídas desde crianças, como nos diz Louro (2000, p. 450):

Afirmaram (sociedade) que as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras”, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, “a extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha “espiritual”. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorreriam aquelas que tivessem “vocação”.

Como ressalta Bueno, “O sonho de ser professora é, neste sentido, apenas uma variante da escolha por vocação” (2005, p. 88), como relatou a Coordenadora que em sua casa sempre reunia as crianças da vizinhança e brincávamos de escolinha, e a inspiração que era sua professora como relatou a Prof.01, e a Coordenadora que tiveram como referência uma professora, e a Prof.02, por escolha de suas amigas, optou em cursar a pedagogia, e a Prof.03 disse que desde sua infância sonhava em ser professora, todas de certa forma tiveram influências para a escolha da pedagogia. Então, a arte de ensinar é o professor amar o trabalho pelo

qual fez opção e ser respeitado pelos alunos e órgãos institucionais como profissional.

Em relação se sofreram alguma repressão na infância relacionado a sexualidade, as três professoras disseram que não, mas a Coordenadora destaca o que ela percebia, algo que não podia ser falado,

(05) Coordenadora: Me recordo que quando um irmão ou alguma criança se tocava no sentido de masturbação os adultos diziam pare com isso, não havia diálogo, simplesmente entendia-se que era algo errado.

Isso acontece devido a criança estar na fase de descobertas do seu próprio corpo, e muitos pais não sabem lidar com as perguntas ou as manifestações das crianças, e por não saber orientar, ou agir diante dessas situações, ignoram ou punem, dizendo que isso não se faz, que não pode fazer, ignorando a sexualidade dos próprios filhos.

E durante as observações em sala, percebeu-se que as professoras tem um certo receio em lidar com esse tema, por exemplo; numa atividade realizada, sendo o dia da fantasia, na qual ficou disponível vários vestidos e fantasias diversas, e um menino quis vestir o vestido, o que causou estranheza para todos, e essa criança quis ir lanchar com o vestido, e por onde passava havia olhares espantados, e umas crianças de serie maior disse que ele era uma menininha, que só menina usa vestido. Percebi os olhares dos adultos julgando uma criança, como se aquele ato fosse uma definição do seu sexo, comentários como, “esse leva jeito pra coisa”, “sei não hein quando tiver maior”.

Falamos de crianças que brincam, choram e riem, brigam e fazem as pazes, pertencem a faixas etárias, raça, etnia e a gêneros diferentes, vivem em cidades diversas, tem credos religiosos diferentes, convivem em organizações familiares nem sempre nucleares, enfim, são diferentes, mas, ainda assim, crianças. (GARCIA, 2002, p. 11).

As crianças nessa faixa etária, estão explorando e conhecendo através dos seus impulsos, e essas curiosidades que surgem devem ser sanadas, tanto pelos pais, quanto pelos professores que muitas vezes passam o maior tempo com a

criança do que a própria família. E é nesse contexto que as crianças buscam suas referências, alguém que a compreenda e não a que a reprima.

Louro (2002) ressalta que a “passagem pelos bancos escolares deixa marcas. Permite que se estabeleçam ou se reforcem as distinções entre os sujeitos. Ali se adquire todo um jeito de ser e de estar no mundo” (p. 125). Desta forma, faz-se necessário a escola, reavaliar suas práticas e condutas, no que diz respeito a sexualidade adotar uma conduta para que não possa reafirma estereótipos, do que é ser menina ou menino, para que não haja essas produções sobre a identidade de gêneros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa foi abordado como foi construído o conceito de sexualidade que temos hoje, e os reflexos que ao falar deste tema é notado, principalmente em um ambiente escolar, que teria um papel importante na construção do sujeito e muitas vezes colabora para o contrário, principalmente na educação infantil na qual as crianças estão mais abertas a aprendizagem, e são lhes apresentado um modelo de ser humano, que ela certamente se identificará. O trabalho com crianças da educação infantil é fundamental para sua construção da identidade, na qual esse profissional pode possibilitar algo positivo, como pode possibilitar exemplos negativos e traumas.

O professor precisa tomar consciência de sua responsabilidade para com as crianças, a forma que os tratamos hoje será a forma que ele tratará algum familiar ou amigos amanhã. A creche é um espaço que possibilite a criança uma interação, socialização, levando em conta os interesses da criança e não do adulto, para não estabelecer situações que estabeleça divisões de papéis sociais, desde o banho até as brincadeiras dirigidas. Se faz necessário os profissionais repensarem sua prática no dia a dia durante as rotinas, analisando e intervindo quando necessário.

A Instituição de educação infantil, permeia-se tanto os valores sociais, quanto culturais e que contemplem o desenvolvimento infantil, problematizando as práticas sexistas que influenciam nesse processo. As crianças brincam, choram, aprendem durante as interações com os colegas, e quando estão na fase de descobertas do seu próprio corpo, passa despercebido pelo olhar do adulto, que a julga de maneira

errônea. A sexualidade faz parte de toda a vida do indivíduo, e o professor precisa ter essa visão, e compreender que a sexualidade sempre estará presente no ambiente escolar, na qual o mesmo precisa estar atualizado sobre essas questões, e tirando dúvidas e auxiliando nesse processo de desenvolvimento sexual.

A pesquisa buscou analisar como a Instituição compreende a sexualidade infantil, e ações promovidas nesse espaço. Percebeu-se que falta uma compreensão maior sobre a sexualidade infantil nesse espaço, que de certa forma implica nas práticas das professoras, por terem pouco conhecimento sobre o tema abordado, nota-se que utilizam argumentos do senso comum, por não se aprofundarem no tema, isso significa que não há preocupação em trabalhar nessa temática. O que atinge diretamente a criança, pois quando a mesma é repreendida em determinada descoberta que faz do seu corpo, ou do colega percebe que é algo proibido, que não pode fazer “aquilo,” a criança a seguir tal instrução, e também a propagadora desses princípios, tornando a sexualidade algo inibidor. “As crianças pensam, falam, sentem, desejam, argumentam, reivindicam e, por isso, essas desconhecidas precisam ganhar voz e vez.” (COLINVAUX, 2009, p. 44).

Portanto, falar de sexualidade não é uma tarefa fácil, principalmente quando envolve a educação infantil, quebrar os paradigmas e tabus já existentes é difícil, mas não impossível. Os cursos de graduação não preparam os professores para essa temática, no entanto falta um pouco de vontade pessoal de estar se atualizando, buscando novas possibilidades, não ficar estagnado esperando as informações chegarem até a pessoa, um bom professor é aquele que faz a diferença, e não aquele que promove as diferenças no ambiente.

THE SEXUALITY IN THE INFANTILE EDUCATION

ABSTRACT²

This study approached the Sexuality in the Infantile Education tends as objective analyzes the teachers' conceptions and of the coordinator about infantile

² Resumo traduzido por Sueli Iraci Canova, Graduada em Letras pela Faculdade de Educação e Linguagem, Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Sinop, Secretária Escolar da Rede Municipal de Sinop.

sexuality. The methodological choice was centered in the qualitative research, through the interview semistructured. The subjects interviewees were 3 Teachers and the Pedagogic Coordinator of a Municipal School of Infantile Education of Sinop, with observation in classroom, in the children's group of 1 and 3 years and 11 months of age. It was noticed that lacks a larger understanding about the infantile sexuality in that space, that in a certain way implicates in the teachers' practices.

Keywords: Child. Infantile sexuality. Teacher

REFERÊNCIAS

BONFIM, Cláudia. **Desnudando a educação sexual**. Campinas: Papirus, 2012.

BUENO, Belmira Oliveira. Magistério e lógica de destinação profissional. **Educação & Linguagem**, São Bernardo do Campo, Ano 8, n. 11, p. 75 – 104

BRAGA, Eliane Rose Maio. **Palavras, “Palavrões”**: um estudo sobre a repressão sexual com base na linguagem empregada para designar a genitália e práticas sexuais, na cultura brasileira. Araraquara, 2008, 241f. Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras Campus Araraquara-SP, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, 2008.

COORDENADORA. **Coordenadora**: depoimento [novembro.2016].
Entrevistadora: Rosicléia dos Reis Garcia. Sinop: Unemat, 2017. (02 folhas)
Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso sobre A sexualidade na educação infantil.

COSTA, Auredite Cardoso. **Psicopedagogia e psicomotricidade**: pontos de intersecção nas dificuldades de aprendizagem. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FIGUEIRÓ, Mary N. D. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 2. ed. Londrina: UEL, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 19. ed. Rio de Janeiro, 1988.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Lisboa: Livros do Brasil, 1982.

FURLANI, Jimena. **Encarar o desafio da Educação Sexual na escola**. In: Sexualidade; Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. - Curitiba: SEED –PR., 2009.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER; Dagmar E. Estermann (Org.). **Saúde e sexualidade na escola**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

NOVÍSSIMA ENCICLOPÉDIA DE ORIENTAÇÃO E EDUCAÇÃO SEXUAL INFANTIL. **Intimidade**. Ilustrações de Mario Seabra. [S.l.: s.n. S.a]

PROFESSORA 01. **Professor 01**: depoimento [novembro.2016].
Entrevistadora: Rosicléia dos Reis Garcia. Sinop: Unemat, 2017. (02 folhas)
Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso sobre A sexualidade na educação infantil.

PROFESSORA 02. **Professor 02**: depoimento [novembro.2016].
Entrevistadora: Rosicléia dos Reis Garcia. Sinop: Unemat, 2017. (02 folhas)
Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso sobre A sexualidade na educação infantil.

PROFESSORA 03. **Professor 03**: depoimento [novembro.2016].
Entrevistadora: Rosicléia dos Reis Garcia. Sinop: Unemat, 2017. (02 folhas)
Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso sobre A sexualidade na educação infantil.

RAMEY, James W; CALDERONE, Mary S. **Falando com seu filho sobre sexo**. 4 ed. São Paulo: Editora SUMMUS, 1986.

Correspondência:

Rosicléia dos Reis Garcia. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: rosicleiafies@hotmail.com

Recebido em: 16 de maio de 2017.
Aprovado em: 02 de junho de 2017.